



**AS  
REFLEXÕES  
DE  
PIETRO  
FRENDLER**

**W. R. DELCARO**

## AS REFLEXÕES DE PIETRO FRENDLER

---

PREPARAÇÃO  
França e Gorj

REVISÃO  
Marcos Vinícius Almeida

CAPA E PROJETO GRÁFICO  
Murilo Guerra

EDIÇÃO  
2019

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

D345r DELCARO, W. R. 1988  
As reflexões de Pietro Frenkler  
W. R. Delcaro  
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019  
154 P. : 21 cm  
ISBN 978-85-5833-546-1  
1. Romance I. Título.

CDD.: B869.93

---

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO  
1. Literatura brasileira



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
A reprodução de qualquer  
parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa  
do autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX  
Rua Marechal Floriano, 39,  
Guaratinguetá, SP, 12500-260

## I

Acredito que o fato de trabalhar de maneira tão recorrente com a morte tenha contribuído para que eu criasse conceitos bastante particulares a respeito dela e, conseqüentemente, a respeito da vida também. Conceitos camaleônicos, diria, que se modificam diante da análise de fatos com os quais eu não estava familiarizado e com os quais acabo me surpreendendo, sobretudo porque, durante uma considerável parcela de minha existência, eu julguei que a morte estava separada da vida por uma linha extremamente definida, perspectiva que agora não acho tão plausível e que me parece até mesmo bastante equivocada.

Não sei se é o que ocorre com todo mundo, mas minhas ideias sempre tiveram esse caráter semovente, migrando a seu bel-prazer — não sei se de maneira instintiva ou intuitiva — para as noções que melhor se adequam aos moldes da realidade com a qual elas estabelecem contato.

É notório o fato de que para cada descoberta, para cada noção inédita com a qual temos de lidar, para cada verdade que encontramos, faz-se necessário que reciclemos parte da concepção anterior que tínhamos do todo. É nesse compasso que acabamos por evoluir e por apreender ao menos o trecho existencial que nos é permitido abocanhar para que sigamos em frente. Nem sempre é possível absorver ou assimilar todos os detalhes que poderiam nos auxiliar em nossa jornada

terrena e, distraídos da maior parte da realidade, estamos condenados a enxergar de maneira turva apenas uma espécie de amostra de tudo o que o Universo tem a oferecer. É por essas e outras que não há noção que eu considere mais falsária do que a de realidade. Afinal, quanto dela que, constantemente peneirada pelos meus sentidos, chegou à minha derradeira perspectiva? Quanto dela me pertence? Quanto de mim pertence a ela? Certamente, nós nos contentamos com migalhas, disso eu bem sei; migalhas da verdadeira realidade, que nos permite cultivar a ilusão de controle e, por mais que eu tenha caído diversas vezes na cilada de afirmar para mim mesmo algo com absoluta certeza, eu nunca fui uma pessoa de muitas convicções.

Se eu anunciasse essa minha ideia a torto e a direito, obviamente julgariam que minha lucidez é bastante débil ou que, vagando pela linha do incerto e do inseguro com relação ao mundo, estou a um passo do cadafalso que leva à loucura. Todavia, não é sem razão essa conduta voltívola do meu pensamento, pois se — utilizando-me do exemplo com o qual dei início a esta linha de raciocínio — eu ainda acreditasse que a vida é separada da morte por uma linha, uma única linha, como eu explicaria para mim mesmo coisas como a incerteza existencial de Elisa, a respeito da qual fiquei refletindo?

Elisa era uma paciente bastante idosa, que já estava internada há algum tempo e que me levou novamente à reflexão de que talvez não haja uma linha separando a vida da morte, pois o que há é somente um cenário no

qual ambas se confundem, como se uma se dissolvesse na outra. No último serviço, quando assumi o plantão, fiquei sabendo que Elisa teve duas paradas cardiorrespiratórias pela tarde. Ao chegar ao seu leito, vi que a bomba de infusão ao seu lado mostrava que ela só estava se mantendo em virtude de uma quantidade consideravelmente elevada de noradrenalina. Larissa, a enfermeira que me passou o plantão, disse:

— O coração só continua por causa da nora, mas não vai aguentar muito tempo.

A experiência clínica de minha colega, que parecia uma sibila ao exprimir essas palavras, deixou-me pensativo. É bem certo que esse era um fato certo, a dose medicamentosa necessária à manutenção das funções vitais de Elisa estava demasiadamente alta em sua corrente sanguínea. Não havia como aumentar aquela quantia que, caso fosse diminuída, causaria uma nova parada cardíaca. Elisa era uma paciente FPT, como assim chamávamos, uma paciente fora de possibilidades terapêuticas, para a qual o protocolo SPP — se parar parou — já havia sido adotado. Habituei-me a estas siglas que supostamente estavam associadas a casos perdidos. Não havia razão para prolongar o sofrimento de alguém sem possibilidades de retorno à terra dos vivos. Era preciso conceder-lhe a “boa morte”: o conforto final da existência, baseado na não-intervenção. Com isso em mente, por várias vezes durante o serviço eu fui observar o gráfico cardíaco de Elisa. Com o passar das horas, ele ficava cada vez mais fraco, cada vez mais trêmulo e em breve se tornaria apenas uma linha inerte,

uma linha sem a interferência da vida, uma linha pura que clinicamente constataria o limite daquele ser humano sobre a Terra. E toda vez que eu passava por dona Elisa, eu me perguntava: A senhora ainda está por aí ou não, dona Elisa? Jamais saberei quando ela esteve e quando já não esteve mais, pois definitivamente a vida e a morte não são separadas por uma linha, mas por um emaranhado análogo a um novelo de lã. Há a vida, há uma série de informações desconexas baseadas num caos bio-neuro-psíquico-químico e então há a morte... E no meio-termo impreciso da vida e da morte, estas duas perturbadoras equivalências universais que parecem resumir todas as coisas, há o que a filosofia não consegue explicar e o que os apaixonados pela essência vital temem. Há também o estado de coma, que pode durar horas ou décadas e que se assemelha a um lugar onde o tempo parece não existir. Um lugar intrigante que, creio eu, deve ser repleto de interferências divinas, angelicais, demoníacas, físicas, químicas, místicas e fisiológicas que, na verdade, são tudo a mesma coisa. Uma terra erma e fantasmagórica que mais parece uma vila de *jinn*. Desse modo, durante a noite inteira eu fiquei observando o desmoronamento físico e espiritual de dona Elisa, enquanto me perguntava: A senhora ainda está por aí ou não, dona Elisa? Suas ondas cerebrais persistiam. A potente droga e os respiradores artificiais mantinham sua estrutura corpórea em movimento, mas esse corpo ainda era habitado por aquela que amou? Por aquela que viveu e teve filhos? Pela pobre dona Elisa, a que morreria sob meus cuidados? Não sei, quem sabe?

O que contrabalançava sua vida e sua morte, era aquela enorme quantidade de noradrenalina correndo pelas suas veias e artérias.

Viva, morta, viva-morta, Elisa era mais uma que se encaixava na categoria do que passei a chamar de “paciente schrödingerniano”. Quando o colega que ia assumir o próximo turno chegou, tal como minha colega do turno anterior, converti-me em profeta e fiz eco da frase que ela havia utilizado:

— O coração só continua por causa da nora, mas não vai aguentar muito tempo.

Fui para casa normalmente e abandonei tais reflexões. Minha cabeça anda cheia demais para esse tipo de coisa, mas eis que hoje, ao assumir o serviço, vi que Elisa não estava mais lá e eu fiquei silenciosamente de luto, pois o sentimento de luto é o que me invade quando penso nas pessoas que partem. Eu não deveria fazer isso, mas é inevitável e, apesar de me vestir de branco, eu acho que estarei sempre de luto, mesmo tendo ciência de que as incertezas que pairam no além-túmulo possam ter levado Elisa para os mais diversos caminhos. Não se preocupe, dona Elisa — poderia dizer eu —, segundo o *Bardo Thodol*, daqui a quarenta e nove dias a senhora estará de volta a esta realidade... e pior que isso pode ser bem possível, afinal, não há estudos que dizem que a glândula pineal — aquela que supostamente abriga a alma e tudo o que somos no âmbito metafísico — forma-se no feto a partir da sétima semana? E nesse momento pode ser que a alma de dona Elisa esteja num lugar que desconhecemos, passando por etapas de readaptação, para

que possa novamente ser trazida de volta a esta realidade ao ser aprisionada pelo sistema nervoso de alguém que já foi concebido, mas que ainda não é nada além de um amontoado de células. Se for assim, temos de pôr na balança todas as outras possibilidades e, dependendo da vida que levou, Elisa pode ter sido condenada aos mais terríveis sofrimentos ou estar desfrutando de uma existência repleta dos mais inomináveis deleites. A mim não compete ter esse conhecimento. Tudo o que sei é que a medicina a qual temos acesso não foi capaz de manter a estrutura corpórea de Elisa em funcionamento e eu fiquei um pouco triste por isso, pois ela parecia ter sido uma pessoa muito amada pelos familiares e amigos que a visitavam. E foi assim que, mais uma vez, eu acabei não seguindo um bom conselho que me deram anos atrás.

Uma das recomendações básicas que recebi dos meus professores na faculdade, foi a de que caso quisesse trabalhar de forma adequada, não deveria me envolver emocionalmente com os pacientes. Deve-se manter sempre uma empatia controlada, uma comisseração rasa e nunca ficar se perguntando o que poderia ter sido feito com relação a um paciente que não se salva. É por isso que eu já deveria ter me habituado à morte, afinal, não lido com ela há um tempo considerável? Não sei porque isso é algo tão difícil para mim e, mesmo após ter visto tantos morrerem, a sensação que tenho é a mesma da primeira vez.

Nunca me esquecerei do primeiro paciente que vi morrer. Tratava-se de um senhorzinho bem mirrado,



um mendigo que passou mal numa rua qualquer e que foi acudido por alguns transeuntes. Ele chegou ao hospital já gaspeando. Tentamos tudo o que estava ao nosso alcance, entretanto, quase uma hora depois, após não obtermos qualquer resposta da parte dele, interrompemos os procedimentos. Meus colegas, de certa forma já calejados no quesito morte, não deram muita atenção ao falecimento dele e enquanto eu ajudava a equipe a preparar seu corpo para ser levado ao morgue, olhei umas duas ou três vezes para seu semblante inerte, no qual se lia uma completa serenidade e, pela primeira vez na vida, eu encarei a morte de outro prisma, pois ela me pareceu — ao menos no âmbito corpóreo — algo que leva a um tipo de plenitude. Cada músculo relaxa, não há mais qualquer tensão ou resistência e eu percebi que a vida é um tipo de resistência. Estamos o tempo todo resistindo ferrenhamente em busca de uma homeostasia que proporcione os nossos processos vitais. Se algo que não faz parte de nós nos invade, nosso corpo inicia uma guerra para expulsá-lo. Se nos desequilibramos no âmbito molecular, nossas engrenagens trabalham incansavelmente para que reestabelecamos um novo equilíbrio. A vida é baseada numa série de movimentos harmoniosos, dependentes de incontáveis micromovimentos que só cessam com a morte, que é para onde tendemos a ir, afinal, não importa o quão saudáveis sejamos, o processo de senescência é implacável. Infelizmente, ainda não há meios de bloquearmos esse processo, mas isso não é ruim sendo que, como li certa vez, é o fato de ter limitações que torna a vida uma coisa

---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

AUTOR  
[www.fb.com/wrdelcaro](http://www.fb.com/wrdelcaro)  
[alyved@gmail.com](mailto:alyved@gmail.com)

---

Impresso em Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup> em  
São Paulo para Editora Penalux, em Julho de 2019.